



ENVIRONMENT OF PEACE

Segurança em uma nova era de risco

Resumo

Por trás das manchetes da guerra na Europa e das consequências da pandemia da Covid-19, nosso mundo está caindo em um buraco negro de crises simultâneas cada vez mais intensas no que se relaciona à segurança e ao meio ambiente. Os indicadores de insegurança estão crescendo, enquanto os indicadores de integridade ambiental estão diminuindo. Essa mistura é tóxica, profunda e prejudicial; e as instituições com poder para encontrar soluções, incluindo governos, estão despertando muito lentamente.

Em termos de segurança, há um aumento na incidência de conflitos e no número de mortos e refugiados - uma tendência que já existia muito antes da invasão russa na Ucrânia. Os gastos com armas e forças militares estão aumentando, o uso de armas nucleares parece ser menos inconcebível do que antes. Em termos ambientais, as manifestações de degradação incluem: variação climática, aumento do nível do mar, redução da disponibilidade hídrica, diminuição de mamíferos e insetos polinizadores, aumento da poluição por plástico, morte de recifes de corais e diminuição de florestas.

O horizonte de segurança esta cada vez mais sombrio e se apresenta como uma camada de riscos para a paz. A degradação ambiental acrescenta uma segunda camada. A interação das duas tendências produz um terceiro (e mais complexo) conjunto de riscos que a humanidade ainda está começando a entender.

No entanto, é evidente que as duas crises interagem entre si. Os países que enfrentam os níveis mais altos de ameaça ecológica são estatisticamente mais prováveis de serem aqueles onde a paz está mais fragilizada. Eles também tendem a ser marcados pela suscetibilidade e pouca capacidade de resiliência. Na maioria das vezes, esses países tiveram pouca influência na crise ambiental global, mas arcam com seus

Reduzir a insegurança e o conflito nessa nova era de risco significa mudar fundamentalmente a forma como pensamos sobre a paz.

efeitos. Metade das operações de paz em andamento da Organização das Nações Unidas está em países com maior exposição aos impactos das mudanças climáticas. Essas correlações não são coincidências.

Essa é a premissa do *Environment of Peace*.

A ligação entre integridade ambiental, paz e bem-estar humano não deve ser controversa. Desde a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano de 1972 em Estocolmo, países reconheceram que a integridade ecológica é essencial para o desenvolvimento humano. Ao concordar com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em 2015, os governos declararam: ‘Não pode haver desenvolvimento sustentável sem paz e não pode haver paz sem desenvolvimento sustentável’. Em 2021, o Conselho de Direitos Humanos da ONU reconheceu formalmente o meio ambiente saudável como um direito humano fundamental.

Ainda sim, nosso meio ambiente está se deteriorando rapidamente. Embora todos os governos saibam da intensificação das mudanças climáticas e da degradação ambiental, e alguns tenham feito progresso em questões como poluição e desmatamento, eles estão falhando coletivamente ao enfrentar os principais fatores com a devida urgência. Entre outros impactos, a degradação do ambiente natural aumenta as chances que doenças se disseminem de animais selvagens para a população humana. Os últimos dois anos comprovaram como essas doenças podem ser devastadoras.

Além de seus efeitos diretos, as mudanças climáticas e a crise ambiental contribuem para a insegurança. As evidências mostram que muitas vezes elas geram instabilidade social e política que, se não forem resolvidas, podem se transformar em violência. Os conflitos armados não apenas prejudicam o meio ambiente, mas também dificultam uma governança ambiental efetiva. Confrontos, disputas e conflitos também prejudicam a atmosfera internacional para chegar a respostas cooperativas aos desafios ambientais.

Por causa desses vínculos, a ideia de segurança que impulsiona este relatório é uma ideia inclusiva. O tradicional ponto de vista centrado na defesa ou no Estado conta parte da história de segurança e insegurança. Já o conceito de segurança humana é mais centrado nas pessoas e conta outra parte dessa história. Para um mundo verdadeiramente pacífico e seguro, precisamos equilibrar ambas as partes.

O que, então, deve ser feito?

Assim como as evidências irão mostrar, reduzir a insegurança e os conflitos nessa nova era de risco significa, como ponto de partida, mudar fundamentalmente a forma como pensamos sobre a paz. Com a degradação ambiental sendo parte do problema de segurança, restaurar a integridade ambiental precisa ser parte de solução de forma mais ampla. Isso também implica uma necessidade iminente de cooperação mais ambiciosa e efetiva entre os governos em matéria de paz e segurança em todos os níveis, do conceitual ao operacional, porque quando a ameaça atinge todos os países, concentrar respostas apenas no papel nacional não será eficaz. Talvez seja inevitável quando confrontados com situações agudas como a invasão da Ucrânia, mas não podem ser uma solução para crises mais amplas e crescentes. A longo prazo, a cooperação é interesse próprio de cada país.

Se uma das características que definem uma resposta eficaz é a cooperação, outra é a adaptabilidade. As crises vão evoluir, criando riscos e impactos que ainda não são rigorosamente conhecidos. As reações das pessoas também mudarão. Os tomadores de decisão precisarão intervir, aprender com a experiência e novamente intervir.

Atualmente, os governos estão gastando dinheiro alimentando a insegurança, em vez de combatê-la. Subsídios que financiam

* A fragilidade é definida como “a combinação de exposição ao risco e capacidade de resposta insuficiente do Estado, sistemas e/ou comunidades para gerenciar, absorver ou mitigar esses riscos” (OCDE).

Quando a ameaça atinge todos os países, a assertividade nacional claramente não será uma resposta eficaz. A longo prazo, a cooperação é um interesse próprio.

danos ambientais como o apoio a atividades de extração e uso de combustíveis fósseis, pesca excessiva e desmatamento chegam a trilhões de dólares por ano. Dada a ligação entre degradação ambiental e insegurança e risco de confronto, esses também podem ser considerados concessores de conflitos. Visto dessa maneira, continuar parece duplamente questionável.

Ao mesmo tempo, os países mais ricos do mundo estão claramente falhando em prover o financiamento internacional necessário para enfrentar as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade, exacerbando ainda mais a insegurança e o risco de conflito. Além disso, os fundos de auxílio na adaptação à degradação ambiental e para a construção de resiliência não estão sendo empregados nos lugares mais carentes. Os Estados mais frágeis que, por definição, têm as necessidades mais claras, recebem apenas 1/80 per capita do financiamento climático que escoia para Estados não frágeis.

A resiliência permite que as comunidades e os países sobrevivam a abalos sem recorrer ao conflito e que, depois desses, se reconstruam com rapidez. Isso é fundamental para a segurança em todas as suas formas. No entanto, as crises de segurança e ambientais corroem a resiliência.

O combate às vulnerabilidades e a construção de resiliência contra os impactos climáticos também fornecerão uma proteção contra ameaças não relacionadas ao clima. Em 2010, uma onda de calor alimentada pela mudança climática contribuiu para a Primavera Árabe, quando à ocasião uma colheita de grãos foi dizimada na Rússia, causando um consequente aumento nos preços do pão. Em 2022, as colheitas de grãos da Rússia e da Ucrânia provavelmente serão substancialmente menores do que o normal, uma perspectiva que já está elevando os preços mundiais a níveis perigosamente altos novamente. Causa diferente, risco semelhante - aumentar a capacidade de resiliência protegeria contra ambos.

A resiliência pode amenizar os riscos impostos pela degradação ambiental, mas não pode combater as causas. Interromper e, em seguida, reverter o declínio ambiental envolve realizar mudanças em muitos aspectos da sociedade em ritmo e escala sem precedentes. Mas as mudanças podem fragmentar e deslocar as comunidades. Em todo o mundo, e particularmente no Sul Global, as iniciativas em biocombustíveis, energia hidrelétrica, conservação da natureza e adaptação climática – muitas vezes concebidas com boas intenções – têm alimentado regularmente a insegurança e o conflito. Muitas vezes elas inclusive falham por causa disso. A crise ambiental agora é grande demais para permitir o fracasso e, portanto, as inúmeras transições necessárias em energia, transporte, indústria e, acima de tudo, uso da terra não podem deixar de funcionar. Isso significa envolver ativamente as comunidades em seu projeto e implementação, a fim de alcançar transições justas e pacíficas, que têm mais chances de serem bem-sucedidas.

A natureza dos governos e sua relação com os cidadãos também serão fundamentais para a tomada de boas decisões. A recente ascensão de autocratas e populistas não foi boa nem para a segurança nem para o meio ambiente e comprometeu o vigor das instituições globais que facilitam a cooperação em ambas as questões. Enfrentar problemas complexos e partilhados será muito mais fácil em um mundo onde os governos tratem tanto os seus cidadãos quanto uns aos outros com respeito, envolvam seus cidadãos na tomada de decisões e baseiem suas políticas em evidências.

Como mostramos neste relatório, existem exemplos reais de esperança nos quais podemos nos basear. No sistema da ONU, em nível regional e nacional, os vínculos entre degradação ambiental e insegurança estão sendo levados mais a sério. A maioria dos governos

está aberta à cooperação nessas questões e, em alguns casos, eles estão a buscando efetivamente. As organizações não-governamentais estão ativamente construindo a paz por meio da melhoria ambiental. Esses exemplos são modelos que podem ser ampliados, desde que haja visão e vontade por parte de seus agentes.

Concluímos apresentando uma série de seis recomendações para ação e um conjunto de cinco princípios para orientá-la. Os princípios incluem cooperação e adaptabilidade, que, diante de um cenário de risco em mudança imprevisível, podem ser entendidos como bom senso. O mesmo acontece com a inclusão, porque as soluções nas quais todas as partes possuem voz têm maior probabilidade de sucesso. Tais soluções terão, então, que levar em conta o fato de que o problema é insistente e profundamente enraizado, o que significa que a ação deve começar imediatamente, embora seja guiada por uma visão de longo prazo.

Algumas de nossas recomendações de ação dizem respeito ao sistema da ONU, algumas são destinadas a governos nacionais e algumas se conectam com o setor privado, sociedade civil e outros setores. Embora muitos tipos de entidades possam e devam desempenhar um papel importante, os governos são centrais devido ao seu poder único como legisladores, aqueles que definem as regras e os alocadores de recursos. Os governos também podem implementar mudanças rapidamente e o tempo é indiscutivelmente curto. O Capítulo 5 apresenta as recomendações em detalhes, mas em resumo:

1 Aborde as crises relacionadas com soluções conjuntas.

Identifique e implemente medidas que construam a paz e a integridade ambiental.

2 Invista em preparação e resiliência. Desenvolva a capacidade de detectar sinais de ameaças crescentes e diminuir as tensões.

3 Financie a paz, não o risco. Cumpra as obrigações de financiamento internacional, garanta que o financiamento chegue às comunidades mais frágeis e acabe com os subsídios de conflito.

4 Proporcione uma transição justa e pacífica. Avalie e trate os possíveis resultados negativos das medidas pró-ambientais antes da implementação.

5 Seja intencionalmente inclusivo. Envolver totalmente os grupos marginalizados na tomada de decisões e compartilhe os benefícios.

6 Pesquise, eduque, informe. Entenda e comunique os riscos e construa cooperação através da educação.

Todas as nossas recomendações podem, considerando a vontade assumida pelas partes envolvidas, ser implementadas em poucos anos. Gostaríamos de incentivar os governos, comunidades e outras instituições de tomada de decisão a se comprometerem a fazê-lo. Crises ativas como a que está ocorrendo na Ucrânia podem chamar a atenção por sua duração, mas a degradação ambiental continuará até que os governos atuem objetivando acabar com ela, assim como ocorrerá com a criação de riscos complexos pela interação das crises gêmeas.

Segurança e integridade ambiental estão avançando na direção errada, em detrimento de todos os países e do nosso bem comum coletivo. Trata-se de uma situação mutuamente prejudicial e que merece uma solução mutuamente benéfica.

